

# A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja

Carolina Grilo

## 1. Introdução

As escavações arqueológicas levadas a efeito na Rua do Sembrano, no centro histórico da cidade de Beja nas décadas de 80 e 90 do século XX e em 2003 e 2004, permitiram pôr a descoberto uma área ampla área habitacional e obter dados sobre as cronologias da sua ocupação humana, desde meados do I milénio a.C. até aos nossos dias.

O reconhecimento arqueológico, em parte inesperado, da antiguidade local contribuiu igualmente para o debate sobre a pré-existência á cidade romana de *Pax Ivlia*, desde há muito veiculada na historiografia bejense (Viana, 1944, 1948; Ribeiro, 1960), ainda que esta carecesse de argumentos fidedignos (Alarcão, 1992; Fabião, 1998).

A percepção desta realidade foi intuída com o progressivo desenvolvimento de intervenções no tecido urbano da cidade, na Praça de Armas do Castelo e no Conservatório de Música da cidade (Lopes, 2003) nas quais foram obtidos materiais de cronologias análogas que permitiram definir os primeiros esboços da área ocupada. A natureza do tipo de ocupação local, as suas cronologias e filiação cultural continuaram contudo obscuras, bem como a definição da sua

continuidade para o domínio romano, face á ininterrupta ocupação urbana.

O presente texto deverá ser analisado á luz destas problemáticas e condicionalismos, procurando apresentar novos dados para o conhecimento e a dinâmica do povoado pré-romano local e para a sua importância e singularidade no contexto da segunda metade do primeiro milénio a.C. na região Baixo-alentejana.

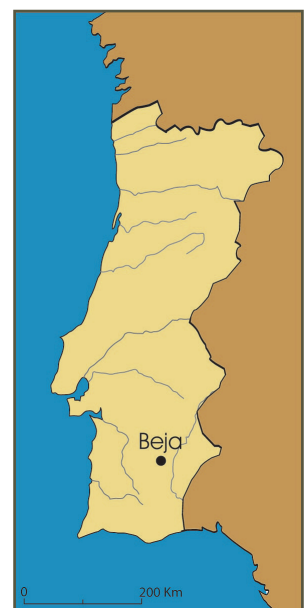


Fig. 1 – Localização de Beja

## 2. A Rua do Sembrano

A área arqueológica da Rua do Sembrano<sup>1</sup> localiza-se no centro histórico da cidade, ocupando a vertente sud-ocidental da colina de Beja, uma elevação destacada na paisagem, com ampla visibilidade e domínio territorial.

O local foi conhecido da bibliografia científica pelo conjunto termal identificado, com diversas fases e remodelações, em funcionamento entre os séculos II e IV d.C., (Correia, Oliveira, 1988, 1991, 1993, 1994) sob o qual foram reconhecidos os primeiros indícios da ocupação da Idade do Ferro, onde avultavam cerâmicas áticas, cerâmicas estampilhadas, exemplares de coroplastia e um pequeno troço de uma robusta estrutura que pelas suas características construtivas, orientação e situação foi classificada como muralha (Fabião, 1998; Lopes, 2003). As contingências do tipo de intervenção efectuada e as dificuldades de caracterização que rodearam estes vestígios inibiram contudo a afirmação categórica de uma ocupação antiga no local (Berrocal-Rangel, 1992; Arruda, 1997, Fabião, 1998).



Fig. 2 – Localização da Rua do Sembrano no traçado urbano actual e planta geral da área arqueológica.

Em 2003, ao abrigo do programa de Requalificação Urbana Bejapolis<sup>2</sup>, os trabalhos arqueológicos foram retomados, potenciando uma sequência estratigráfica desde a Idade do Ferro até ao período contemporâneo. O cariz eminentemente estratigráfico da intervenção, definida pela premissa da arqueologia preventiva e de conservação condicionou em larga medida o conhecimento sobre a arquitectura do local e as leituras conjunturais.

A escavação dos níveis da Idade do Ferro, depositados directamente sobre o espesso paleosolo argiloso foi regulada por esses factores, compreendendo áreas pontuais no interior da área arqueológica, designada por Sector I e nas sondagens 1 e 3 efectuadas na praça contígua entre esta e o Largo de S. João (Sector II). O cruzamento das distintas in-

formações dos respectivos sectores e dos acervos materiais das campanhas do século passado permitiu estabelecer o horizonte cronológico da ocupação antiga e revelar a natureza habitacional do local marcada por distintos momentos e espaços edificados.

### 2.1 As Evidências Arqueológicas

#### 2.1.1 – Ambiente 1

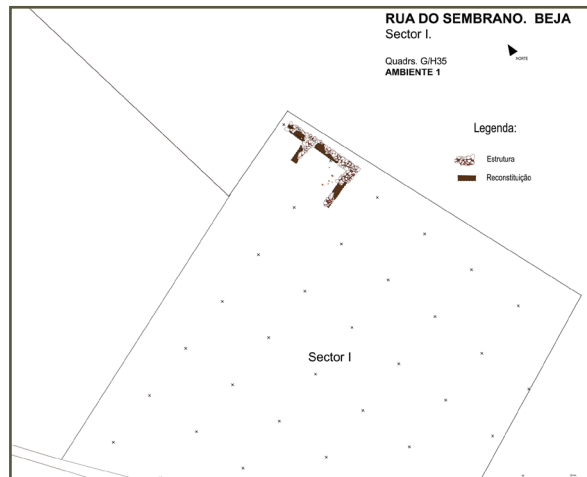


Fig. 3 – planta do Ambiente 1

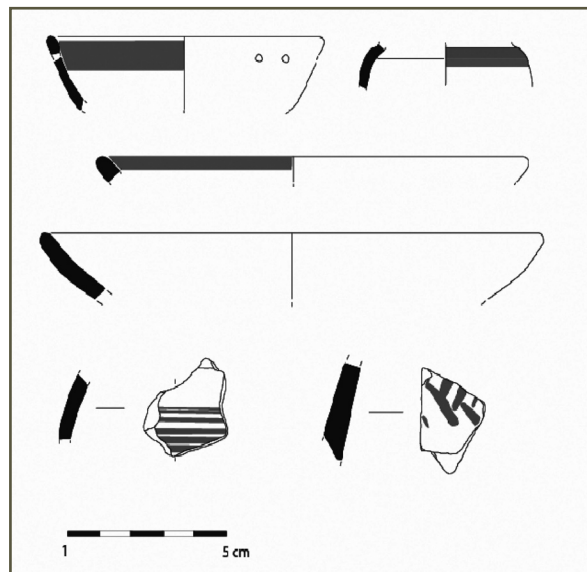


Fig. 4 – Materiais do Ambiente 1

No quadrante N do sector I, de acordo com o projecto de fundações do futuro edifício, a escavação até á rocha base permitiu identificar dois muros perpendiculares de canto im-

1 - Coordenadas UTM : M=380120 / P=75125/ H= 283m. Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha 521, Beja.

2 - Projecto de Musealização da Rua do Sembrano. Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 19 de Setembro de 2003 e Novembro de 2004, com a responsabilidade científica da signatária, contando com o apoio técnico de Ana Sofia Antunes, Teresa Ricou Nunes da Ponte, Edgar Figueira Lopes, Paula Maurício, Luís Serafim, Amadeu Silva, Sérgio Jacinto, Cláudia Ramos e Jorge Parreira.

bricado, de blocos de gabrodiorito de média dimensão ligados por argila negra (Fig.3), posteriormente anulados com o programa defensivo [005].

Este espaço designado por Ambiente 1, apresentava uma planta ortogonal cuja existência de um muro na zona central parecia organizar internamente.

As perturbações posteriores inibiram contudo a definição dos seus limites e funcionalidade, observando-se no seu interior diversos nódulos de argila cozida, possivelmente associados a uma estrutura de combustão e escasso espólio marcado por cerâmicas de tradição “ibero-turdetana” de pintura bícroma e monocroma (fig. 4) e produções manuais com decoração plástica e incisa.

A exiguidade da área escavada e a inexistência de estruturas complementares não permitiram tecer grandes considerações sobre este primeiro momento construtivo local, cujo espólio e características construtivas parecem situar em contiguidade com o programa defensivo.

### 2.1.2 – Estrutura defensiva [005]

Sobre este espaço foi edificada uma robusta estrutura com 3m de espessura, definida como a cintura defensiva [005] que delimitava a ocorrência dos vestígios pré-romanos, seguindo uma orientação NO-SE (Fig.5).

Documentada nos sectores I e II ao longo de cerca de 25m de extensão, a muralha [005] foi construída com recurso á componente litológica local (gabros e dioritos), revelando um modelo amplamente documentado nos povoados fortificados do Sudoeste Peninsular (Berrocal-Rangel, 1992:213), composto por dois paramentos de grandes blocos pétreos, interior e exterior, organizados internamente com um recheio pétreo de menores dimensões, colmatado com as argilas locais.

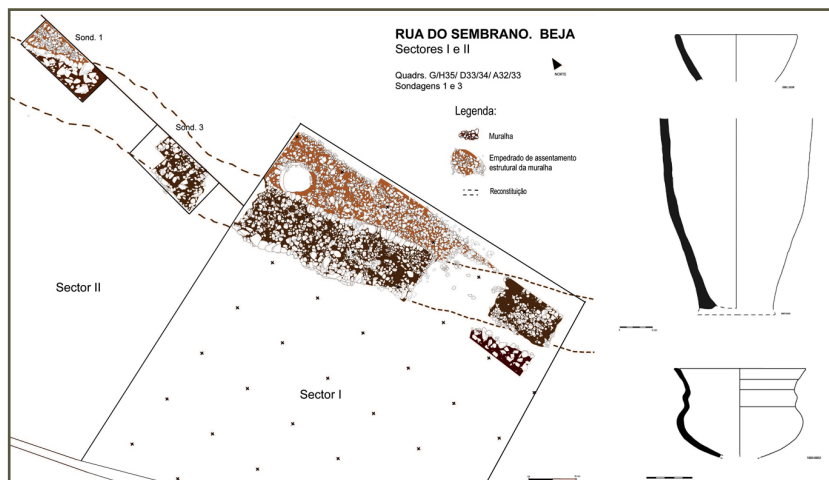


Fig. 5 – planta da estrutura defensiva

Fig. 6 – Materiais da u e [165]

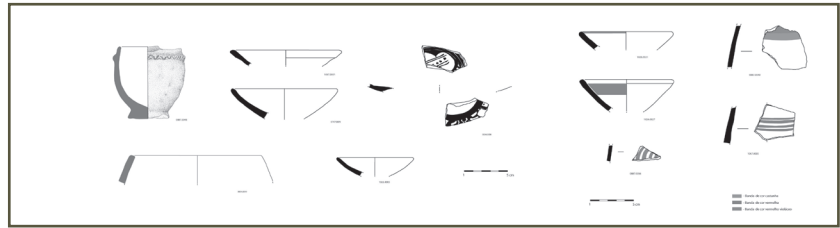


Fig. 7 – Materiais da u s [165]

A base, composta por um espesso empedrado pétreo de média e grande dimensão organizado, definia uma regularização prévia do terreno, provavelmente relacionada com o tecido geológico local, descrevendo uma solução de drenagem e escoamento das águas da própria fortificação sobre as argilas locais. Este tipo de infraestruturas, sinónimo do esforço e planeamento construtivos destas obras tem vindo a ser também identificado em locais do mundo Extremenho, como Los Castillejos 2, Fuente de Cantos (Fernández Corrales, 1993) ou em El Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel, 1992).

No interior da fortificação foram registados vestígios de estruturas precárias, claramente contrastantes com o fulgor construtivo do programa defensivo e das suas infra-estruturas de base, assinalados por um primeiro nível de “solo” de matriz argilosa [166] coberto por um estrato de utilização [165] documentados no sector I e na sondagem 1 do sector II.

Entre o abundante espólio recuperado neste nível destacou-se um fragmento de *Kylix* de figuras vermelhas com decoração em palmetas (Fig. 7), confirmando a cronologia de estabelecimento e arranque do programa defensivo dos inícios do século IV a.C.

Cerâmicas pintadas (bícromas e monocromas) em bandas e círculos concêntricos com amplos paralelos na Andaluzia Ocidental, no Algarve Oriental em Castro Marim, em níveis coetâneos, produções oxidantes e redutoras e cerâmicas manuais, completaram os espólios recuperados com formas coadunadas á utilização quotidiana. Entre estas, destacaram-se bacias ou alguidares (Fig.6),

tigelas, potes de pequeno e médio diâmetro, vasos e copos com decorações incisas e aplicações plásticas, também documentados na região Baixo-alentejana, na Herdade do Pomar, Ervidel, Aljustrel (Pareira, Berrocal-Rangel,1990), nas Mesas do Castelinho, Almodôvar (Fabião, 1998) e no depósito votivo de Garvão (Beirão *et alii*, 1985).

Nas sondagens do sector II, os espólios associados a este momento demonstraram um panorama similar, onde sobressaíram as produções locais, oxidantes e redutoras e as cerâmicas pintadas, associadas a potes e tigelas, estas últimas com as características perfurações

paralelas abaixo do bordo, os fundos planos e um exemplar de fundo de pé alto e destacado com pintura bícroma, associado às “urnas” documentadas nos ambientes funerários do mundo da Alta Extremadura (Hernández Hernández, 1996)

Apesar das abundante evidência da cultura material, a precariedade das estruturas associadas ao momento de edificação do programa defensivo parece sugerir um investimento inicial focalizado na construção do programa defensivo em detrimento da complexificação dos espaços de habitat, observado também a título de exemplo,

nas Mesas do Castelinho, Almodôvar (Fabião, 1998:288) e desde há muito realçado por diversos investigadores. São diversos os mecanismos ideológicos que estes projectos parecem definir (Berrocal-Rangel, 1992; 2004; Moret, Chapa Brunet Eds., 2004), já que para além da cristalização dos sistemas de coesão social, as muralhas e fortificações são também o reflexo da consolidação da ocupação estável de um determinado território e o garante da estabilidade dos habitats (Berrocal-Rangel, 2004:32).

Este espaço linear destacou contudo algumas reorganizações (Fig.8), observadas no sector I, com a construção de uma estrutura mural [037] adossada á muralha [005], que

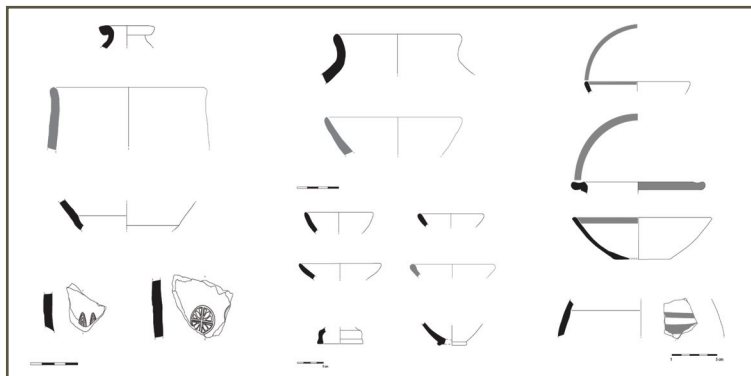


Fig. 9– Materiais provenientes do A2

foi completado com um primeiro nível de solo de matriz argilosa onde assentava um nível de ocupação com cerâmicas pintadas e um fragmento de cerâmica cinzenta fina lisa assemelhado às formas I e II da Ermita de Belén (Rodríguez Díaz, 1991). Este espaço foi posteriormente reformulado com a construção de novo pavimento a cota superior [049], associado a duas subestruturas do tipo buracos de poste [153] – [078] (Fig. 10), composto por nódulos de gabro e argila compactados que lhe conferiam uma tonalidade branca, lembrando estruturas idênticas de contextos habitacionais de Villasviejas del Tamuja, (Hernández, Hernandez *et Alli*, 1989:110) ou da Alcazaba de Badajoz (Berrocal-Rangel, 1994a :173) de ambientes geológicos próximos á natureza local.

Sobre este assentaram novos estratos ([048]; [047]) com abundante espólio cerâmico, incluindo fragmentos pintados a vermelho e negro, também documentados nos conjuntos da Ermita de Belén (Rodríguez-Díaz,1991), um fragmento de imitação de cerâmica ática (Fig.9), *lebrillos* de perfil em S/carenados, amplamente divulgados na Baixa Andaluzia ao longo do “período turdetano”, garrafas, taças e tigelas com pintura em bandas e restos de fauna muito fragmentados, com grande incidência de carvões, eventualmente relacionada com a combustão do material perecível da cobertura deste espaço ou com os restos orgânicos das estruturas de sustentação. Estes estratos definiram igualmente a sequência pré-romana nesta área, uma vez que a sucessão de depósitos seguintes apresentava já indícios de forte revolvimento pela construção dos alicerces do programa termal romano.

### 2.1.4 Ambiente 3

O A3 (Fig.8), a norte da estância anterior, foi parcialmente escavado nas campanhas anteriores e ao contrário do A2, encontrava-se fortemente perturbado pelas diversas estruturas de cronologias posteriores.

Com o recuo dos cortes norte e noroeste foi possível obter uma leitura sequencial e identificar um pavimento de “terra” argilosa [309], delimitado pelo muro [037]., associado a uma estrutura conservada no canto sul do compartimento, de contornos circulares com cerca de 0,85 m de diâmetro e

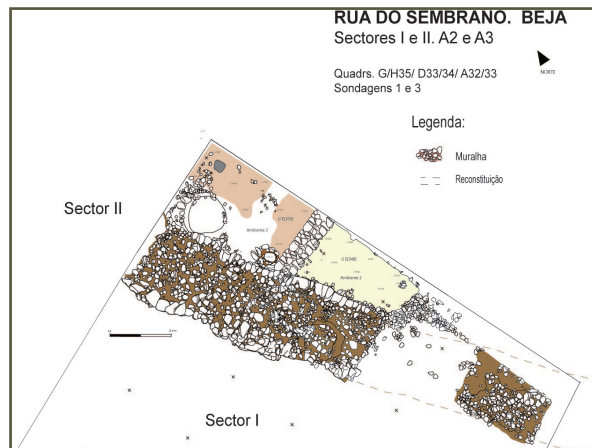


Fig. 8 – Planta dos Ambientes 2 e 3

as contingências do programa de musealização apenas permitiram registar em perfil, uma vez que foi posteriormente reaproveitada como alicerce para a construção de uma das salas do programa termal romano.

Esta estrutura, de construção análoga ás estruturas do A1, assentava sobre a u e [165], definindo duas áreas identificadas pelos Ambientes 2 e 3 correspondendo a um primeiro esboço da estruturação orgânica da área intra-muros e a uma complexificação do(s) espaço(s) habitado(s).

### 2.1.3 Ambiente 2

Definido pela muralha e pelo muro [037], o Ambiente 2 (Fig.8)

0,30m de altura conservada, construída com uma fiada de blocos pétreos, dispostos em redor de um bloco central colocado horizontalmente.

Estruturas desta natureza têm vindo a ser realçadas na área ibérica, onde ocorrem em distintos contextos, como possíveis áreas auxiliares de trabalho para suportes de moinhos giratórios, de bigornas ou safras (Bonet; Guerin, 1995,:97-98) e como sistemas de apoio de âmbito doméstico (Abad Casal; Sala Sellés, 2001:127), incorporando uma diversidade de funções, desde bancos, poiais, estruturas de combustão ou pequenos fornos culinários domésticos (Enriqueta Pons, Miquel Molist: 817, fig. 8), estes últimos também documentados na Extremadura espanhola, em “La Mata”, Badajoz (Rodríguez Díaz, Ortiz Romero,2004:202-203).

No mundo ibérico, a sua associação a contextos religiosos de âmbito doméstico como altares rituais (Belarte Franco, 1997:121, fig. 101) está também equacionada, podendo no caso do A3 ser coadjuvada pela natureza votiva de algum do espólio aí recolhido, destacando-se os dois exemplares de coroplastia recuperados nas campanhas do século passado (fig. 11): um exemplar muito tosco e estilizado de um possível equídeo e um segundo em forma de cabeça de carneiro de notável realismo, parte integrante de um recipiente ou objecto, com claras afinidades morfo-decorativas com o “morillo” votivo de Reillo, Cuenca (AAVV, 2001), associado a um contexto de culto doméstico.

No canto norte do A3, sobre o pavimento [309], foi ainda registado um nível de ocupação embalado em carvões [313], associado a uma bolsa de cinzas de fina espessura, sem qualquer estruturação, com cerca de 0,50m de diâmetro [321], cobertos por um espesso nível pétreo [302].

### 2.1.5 – Estratos de cronologia Republicana

Constituída por blocos de granito e lajes de xisto de média dimensão, com cerca de 0,40m de potência, a u e [302] cor-

respondeu a um nível de colmatação e nivelamento associado à construção de uma estrutura mural [317] em xisto muito destruída e de orientação E-W. Esta achava-se muito destruída por perturbações posteriores, conservando apenas duas fiadas pétreas, apresentando abundante espólio cerâmico.

Entre este, destacaram-se vasos de produção manual com decoração incisa, recipientes de armazenagem com decoração estampilhada, ânforas de produção local e regional e fragmentos de campanienses A e produções anfóricas da península itálica e da baía gaditana, registando-se entre estas últimas as ânforas CCNN (Sanmartí Grego:1985), conotadas no território português com contextos republicanos, em Santarém, Castro Marim, (Arruda et Alii, 2005:282) e no Castelo de S. Jorge (Pimenta:2004), onde estão igualmente associadas a importações de *kalathoi*, testemunhando a clara coerência deste último contexto com a realidade bejense (Fig.10).

Estes dados, assim como os conjuntos dos materiais de recolhas descontextualizadas onde figuram as ânforas do tipo D de Pellicer (Fig.11) atestam a continuidade da ocupação antiga, pelo menos até meados da segunda metade do século II a.C., testemunhando uma etapa de contactos efectivos com o mundo romano, praticamente desconhecida no tecido urbano da cidade e apenas intuída pela presença de instalações de aparente cariz militar na região (Lopes, 2003:40, nº 141).

### 3. A Rua do Sembrano e a ocupação Pré-Romana de Beja

Neste contexto, apesar da exiguidade das áreas escavadas e das diversas contingências inerentes à investigação dos espaços urbanos, os dados obtidos na Rua do Sembrano revelaram uma sequência dinâmica, típica dos sectores de habitação, onde foram documentadas soluções edificantes diversas, associadas a uma matriz cultural igualmente diver-

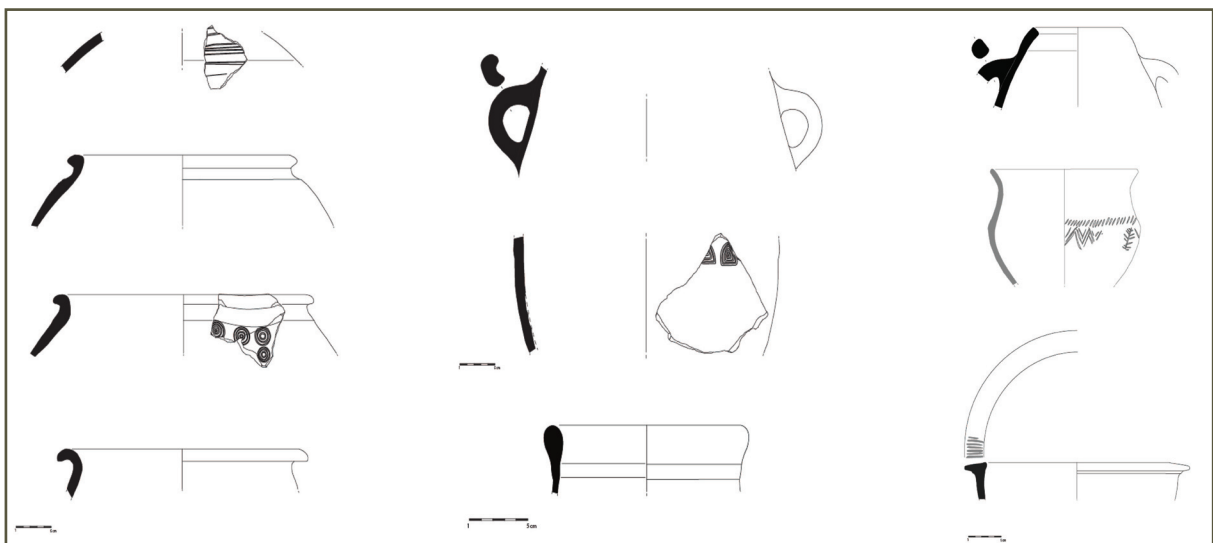


Fig. 10 – Materiais da u e [302]



sificada, testemunho das distintas influências que assolam o Sul Peninsular ao longo da segunda metade do primeiro milénio a.C.

O posicionamento e as singulares condições topográficas do “planalto” de Beja no centro da peneplanície alentejana, controlando o acesso aos recursos mineiros de Aljustrel e Castro Verde e aos férteis “campos” de Ourique e seu corredor transumante, destacaram o cariz “centralizador” deste local desde tempos antigos, apenas quebrado a noroeste pela formação litológica da Serra de Portel. O povoado de Beja definiu-se assim como o enclave central (Berrocal Rangel, 1992:239) de um peculiar território de óptimo potencial agrícola, denunciando a sua condição de “fronteira” entre dois universos, litoral e interior associados às bacias hidrográficas do Sado e do Guadiana, que poderia, em parte, explicar o aparente deserto de povoamento em seu redor na Idade do Ferro (Fabião, 1998, vol. II: p.258).

Sobre a ocupação do planalto, o desconhecimento roça quase o angustiante. Os dados actuais são ainda manifestamente inibidores de outras considerações sobre a sua estruturação e urbanismo internos que não as expressadas pela distribuição dos vestígios da Idade do Ferro na área correspondente ao actual centro histórico. Para além das evidências documentadas na Rua do Sembrano, as intervenções dirigidas por Maria da Conceição Lopes no logradouro do Conservatório de Música do Baixo Alentejo e na praça de armas do Castelo de Beja (Lopes, 1994; Lopes, 2003) permitiram destacar um primeiro esboço da área eventualmente ocupada, coadunada ao topo e ao início das vertentes do “planalto”, estimada entre os 11 e os 12 hectares, elaborada a par com os ensaios altimétricos do pano de muralha documentado na Rua do Sembrano. A ser assim, o povoado de Beja aproximar-se-ia de dimensões pouco destacadas no conjunto dos povoados do Sudoeste, (Fabião, 1998, vol. II:257), apreciadas nos povoados de Nertóbriga, (Berrocal-Rangel, 1992:218) com uma área estimada de 7 ha, na Cabeça de Vaiamonte com 7,5 ha (Gamito, 1988; Berrocal-Rangel, *Idem*) ou no povoado de Nossa Senhora da Esperança, Alcáçovas, com cerca de 9ha (Antunes, 2003), mais coadunadas aos *oppida* de grandes dimensões definidos a partir do século IV a.C. na região Extremenha (Almagro-Gorbea, 1994:37).

A sua tónica está acentuada no desenvolvimento de um modelo preponderante de povoamento cuja máxima expressão está reproduzida nos povoados fortificados em altura, de que o exemplo em estudo é testemunho, estruturados em função de territórios internos estáveis e organizados e generalizados, *grosso modo*, a todo o Sudoeste peninsular. A sua articulação no âmbito de territórios definidos permitiu falar a favor de sistemas de organização territorial destacados em relações de coordenação e subordinação (Berrocal-Rangel,

1994:230) e nas redes de exploração dos recursos naturais, amplamente observada na região da Extremadura espanhola (Rodríguez Díaz, Enriquez Navascués; Berrocal-Rangel, 1998).

Os factores que despoletaram este fenómeno, tradicionalmente associados aos processos de transformação e “crise”, resultantes da desestruturação das estruturas do Pós-Orientalizante permanecem incertos. Contudo, a “ruptura” adivinhada com a emergência destes novos centros de poder esbarra na permanência de locais fortemente imbuídos pela influência Orientalizante associados a Medellín e Badajoz e a Santarém, Alcácer ou Lisboa no território português, denunciando um complexo cenário económico-cultural, para a segunda metade do primeiro milénio a.C..

A cultura material espelha igualmente a consolidação das novas relações sócio-económicas, onde coexistem as estreitas influências da região da Alta Extremadura e da *Baeturia Céltica*, patentes na reinvenção das gramáticas decorativas ou nas cerâmicas estampilhadas e os ecos do mundo mediterrâneo, cujo impacto se revela incessante ao longo da segunda metade do primeiro milénio, com a existência de elites locais envolvidas nos mecanismos de consumo de importação das cerâmicas áticas, de algumas produções pintadas e oxidantes e da cerâmica de Kouass (Fig.12), revelando

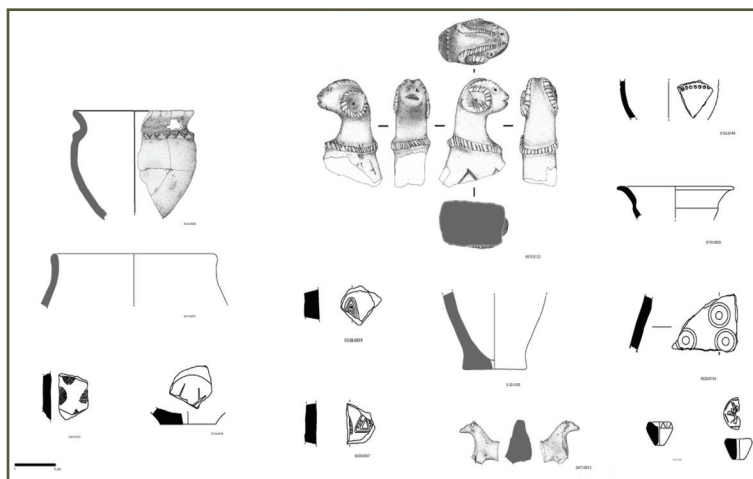


Fig. 11 - Materiais recolhidos nas campanhas da década de 80

a dinâmica comercial local ao longo da quarta e da terceira centúria.

Os circuitos de redistribuição destes últimos bens às periferias interiores estariam a cabo de locais como Mértola, uma verdadeira “ilha” litoral no interior, com o qual o povoado bejense destaca profundas afinidades no panorama das importações áticas (Arruda, Barros, Lopes, 1998), induzindo o papel de Castro Marim e a consequente revitalização da Rota do Guadiana (Arruda, 1997).

Reconhecer os mecanismos que despoletaram este fenómeno e a emergência de centros como o aglomerado de Beja é ainda prematuro, face ao profundo desconhecimento sobre as realidades antigas na região pacense, encarada até há bem pouco tempo como uma área “marginal” na investigação

da Idade do Ferro e centrada fundamentalmente no estudo e caracterização das realidades clássicas. Não obstante, a orla do território bejense estaria certamente enquadrada numa vasta teia de conexões económicas consagrada pela multiplicidade de relações e dependências, na qual estariam articulados outros territórios e povoados da região.

Locais como o povoado do Castelo Velho do Roxo, (Berrocal-Rangel, 1992) controlando os chapéus de ferro, em cumeadas sobre ribeiras subsidiárias na periferia mineira de Aljustrel, pequenos aglomerados sem condições de defesa, como a Herdade do Pomar (Parreira, Berrocal-Rangel) implantados sobre várzeas agrícolas de boa qualidade, em patamares e encostas suaves, ou povoados como o Cerro Furado (Lopes, 2003, vol. II: 53) ou o Cerro dos Castelos, estabelecidos sobre vastos esporões fluviais sobranceiros ao Guadiana, reflectem esta diversidade de organização que tem vindo a ser manifestada em outras áreas regionais, como a margem esquerda do Guadiana (Albergaria, Melro, 2002) e a Extremadura espanhola observando a existência dos grandes povoados fortificados e a diversidade de soluções encontradas face aos assentamentos rurais, sem condições naturais de defesa e localizados em áreas de boas capacidades agrícolas.

Apesar do ainda manifesto desconhecimento dos claros cenários económico-culturais deste mundo do Sudoeste e das reais implicações da estruturação dos povoados e suas áreas de influência, parece definir-se um cenário de crescente complexificação sócio-cultural apenas quebrada sob a égide do poder romano, cristalizado no futuro núcleo colonial pacense e no conseqüente desmembramento das relações anteriormente consolidadas.

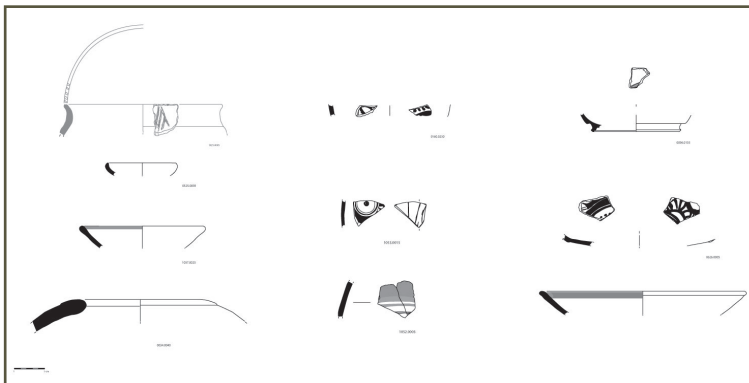


Fig. 12 - Materiais recolhidos nas campanhas da década de 80

## Bibliografia:

ABAD CASAL, Lorenzo, SALA SELLÉS, Feliciano., (2001)- *Poblamiento Ibérico en el Bajo Segura. El Oral (II) y la Escuela*. Madrid: Real Academia de la Historia/Bibliotheca Archaeologica Hispana 12.

ALARCÃO, Jorge de (1992) - A cidade romana em Portugal: a formação de "Lugares Centrais" em Portugal da Idade do Ferro à

Romanização. *Cidades e História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.35-72.

ALBERGARIA, João e MELRO, Samuel (2002)- Trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Bloco 9. *Al-Madan*. Almada: CAA. 11, p. 128-133.

ALMAGRO-GORBEA, Martín (1994)- El Urbanismo en la Hispania "Céltica". *Castros y Oppida en Extremadura*. Madrid: Editorial Complutense, p. 13-67.

ALMAGRO-GORBEA, Martín e MARTÍN BRAVO, Ana M.<sup>a</sup> (1994)- Medellín 1991. La Ladera Norte del Cerro del Castillo, *Castros y Oppida en Extremadura*. Madrid: Editorial Complutense, p. 77-128.

ARRUDA, A. (1996) - Particularidades, especificidades e regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal: Aproximação a um modelo explicativo. *La Hispania Prerromana*. Actas del VI Congreso sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. Salamanca: Universidad de Coimbra, Ediciones Universidad de Salamanca.

IDEM (1997)- *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica*. Lisboa: Edições Colibri.

IDEM (2000)- As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C.. *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos. Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995*. Cádiz, Universidad de Cádiz. II, p. 727-736.

IDEM (2001)- A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 4: 2, p. 207-291.

IDEM (2006)- O 1.º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA. 23.

ARRUDA, A; BARGÃO, P.; VIEGAS, C. (2005) - As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA, 8:1, p.279-207.

BEIRÃO, Caetano (1995)- A IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal: o estado actual dos nossos conhecimentos. *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: 3, p. 915-929.

BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1985)- Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA. S. 4: 3, p. 45-136.

BERROCAL-RANGEL, L. (1992)- *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Península Iberica*.

Madrid: Editorial Complutense.

IDEM (1994)- *El altar prerromano del Castrejón de Capote: Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste Peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma.

IDEM (1994a)- El oppidum de Badajoz: ocupaciones protohistóricas en la Alcazaba. *Castros y Oppida en Extremadura*. Madrid: Editorial Complutense, p. 143-188.

IDEM (2004) - La defensa de la comunidad: sobre las funciones emblemáticas de las murallas protohistoricas en la Península Iberica. *Gladius*. Madrid: XXIV. p.27-98.

- CALADO, Manuel (2002)- Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. *Al-Madan. Almada*: CAA. II: 11, p. 122-127.
- CORREIA, S.; OLIVEIRA, J (1987) – *Rua do Sembrano. Relatório 1987*. IPPC. Exemplar policopiado.
- IDEM, (1988) – *Rua do Sembrano – Beja*. IPPC. Exemplar policopiado.
- IDEM, (1991) – *Rua do Sembrano – Beja*. IPAAR. Exemplar policopiado.
- IDEM, (1993) – *Intervenção arqueológica .Rua do Sembrano 1992-1993*. IPAAR. Exemplar policopiado.
- IDEM, (1994) – Intervenção arqueológica na Rua do Sembrano – Área urbana de Beja. Campanhas de 1988 a 1990. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. I. p.195-202.
- DELGADO, J. M., 1946 – Sisnando mártir e Beja sua pátria. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. III/IV,p. 320-343.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) - *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FABIÃO, Carlos (1998)- *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Lisboa, exemplar policopiado.
- IDEM (2001b) - O povoamento do sudoeste peninsular na segunda metade do 1º milénio aC: continuidades e rupturas. *Entre Celtas e Íberos. Las poblaciones Protohistóricas de las Galias y Hispânia*. Madrid: Real Academia de Historia/Casa de Velásquez. 8, p. 226-246.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1994) - As Ocupações Antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados Preliminares das Campanhas de 1990-92. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. II, p.275-289.
- FERNÁNDEZ CORRALES, J.M. (1993) – Aproximación al conocimiento del poblado prerromano de "Castillejos 2", Fuente de Cantos (Badajoz). Alcántara: Revista del Seminario de estudios Cacerenses. Cáceres: Diputación de Cáceres. 28.
- GAMITO, T. J. (1983) - A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Problemas e Perspectivas. *Arqueologia Porto*: GEAP. 6., p. 65-78.
- GUERRA, A V; RIBEIRO, C.; FERREIRA, O. (1971) – Um vaso com ornamentação em rosetas encontrado em Beja. *II Congresso Nacional de Arqueologia* .I,p 307-308.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca; RODRÍGUEZ LÓPEZ, Dolores; SÁNCHEZ SANCHEZ, M.ª Ángeles (1989)- *Excavaciones en el Castro de Villasviejas del Tamuja (Botija, Cáceres)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca e GALÁN DOMINGO, Eduardo (1996)- *Extremadura Arqueológica. La necrópolis de "El Mercadillo" (Botija, Cáceres)*. Mérida: Junta de Extremadura. VI.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ORTEGA BLANCO, José (2001)- El poblado orientalizante de El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz). Noticia preliminar. *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Centro de Estudios del Proximo Oriente. Madrid: CSIC, p. 227-248.
- LOPES, M. C. (1997) - L'Occupation du sol dans le territoire de Pax Ivlia (Beja). *Itinéraires Lusitaines. 30 Années de collaboration Archeologique luso-française*. Paris: Diffusion E. du Boccard.
- LOPES, M. C. (2003) - *A cidade romana de Beja. Reflexões e debates em torno de Pax Ivlia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- MANTAS, V. (1987) – As primeiras formas de povoamento urbano em Portugal. *Povos e Culturas*. 2, p.13-40.
- IDEM, (1996a) – Em torno do problema da Fundação e Estatuto de Pax Ivlia. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. 2-3,p. 41-62.
- PARREIRA, Rui, BERROCAL-RANGEL, Luís (1990) - O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar. (Ervidel, Aljustrel). *Conímbriga*. Coimbra: XXIX, p.39-47.
- PIMENTA, J. (2004) – *As ânforas romanas do Castelo de S. Jorge.(Lisboa)*. Trabalhos de Arqueologia. Lisboa:IPA.41.
- PONS, E.; MOLIST, M. (1995.) – Las estructuras de combustión de la protohistoria en la Cataluña litoral. *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: III, p.799-856.
- REGO, Miguel; GUERRERO, Olga; GÓMEZ, Francisco (1995)- Mértola: una ciudad *mediterránea* en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana. *Actas de las I Jornadas Transfronterizas sobre la Contienda Hispano-Portuguesa. Del 2 al 4 de junio de 1995*. 1, p. 119-132.
- RIBEIRO, F. N. (1960) – Pré-história e a Origem de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. 17, p 3-113.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso, Coord. (1991)- *La Ermita de Belén (Zafra, Badajoz)*. Campaña 1987. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- IDEM coord. (1998) - *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economía y Poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ORTIZ ROMERO, Pablo (2004)- «La Mata». Un edificio organizado. *El edificio protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 75-314.
- SANMARTÍ GREGO, E. (1985) – Las ânforas del campamento numantino de Peña Redonda (Garray, Soria). *Empúries*. Barcelona: 47,p.130-161.
- SOARES, António M. Monge e BRAGA, José Rodrigues (1986)- Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. 1.º Encontro de Arqueologia da Região de Beja, 17-19 de Janeiro de 1986. Beja: Câmara Municipal. S. 2: III, p. 167-198.
- SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares (1973.) - Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: p. 245-280.
- VIANA, A (1944) – Museu Regional de Beja. Ferragens Artísticas; esculturas de osso, proto-históricas; machados da Idade do Bronze, ferragens romanas; jóias de ouro, fivelas, amuletos e outros objectos. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. 1(2), p.155-166.
- IDEM (1945) – Museu Regional de Beja. Alguns objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e de época romana; cerâmica argárica; cerâmica árabe.*Arquivo de Beja* Beja: Câmara Municipal 2, p.309-339.
- IDEM (1946) – *Origem e evolução histórica de Beja*, Minerva Comercial, p.2-31.
- IDEM (1948) – Félix Caetano da Silva. História das antiguidades de Beja. *Arquivo de Beja*: Câmara Municipal.5, p.196-210; 225-242.